

Capítulo I

— Como pôde? — O rosto gracioso de Frances “Francie” Hampton rivalizava com uma tempestade de verão. As sobrancelhas unidas sobre os perspicazes olhos verdes. Os lábios vermelhos se encontravam projetados em indizível raiva. Cachos de cabelos cor de cobre pendiam sobre as faces em ondas desordenadas, enquanto ela caminhava de um lado para o outro na sala de estar, em frente a uma jovem que se encontrava aninhada em um sofá puído. — Como pôde, Mary? — Francie estacou para perguntar mais uma vez em uma voz quase controlada. — *Como pôde?*

O rosto erguido de Mary se encontrava destituído de cor. Os lábios tremiam com o esforço que fazia para responder. Os dedos brincavam, nervosos, com o laço do chapéu de palha que ela atirara furiosamente para o lado. Em seguida, começou a retorcer as pesadas dobras de sua capa. Lágrimas escorreram dos olhos azul-claros e rolaram pelas faces rosadas.

Percebendo-as, a expressão irada desapareceu do rosto de Francie. Atirando para o lado a capa e o chapéu de viagem, sentou-se ao lado da jovem.

— Não estou zangada com você, Mary — disse. — Realmente não. Ninguém pode ficar zangado com você, minha querida. — Envolveu a dócil irmã nos braços e explicou em tom gentil: — Simplesmente não posso entender. Você e aquele... aquele *homem!* — A fúria voltou a permear o tom de voz de Francie, fazendo Mary estremecer. — Isso ultrapassa todos os limites!

— Oh, Francie. — Mary soluçou, enquanto enterrava a bela face oval no ombro confortador da irmã. — Sabe que eu jamais a magoaria por nada neste mundo.

— Shh! Claro que não. — Francie deslizou uma das mãos de maneira carinhosa sobre os cachos de cabelos castanhos da irmã. Sabia muito bem que Mary era incapaz de ferir alguém deliberadamente. Mas ela não podia negar que sob o choque e a raiva que estava sentindo, pulsava uma pungente e melancólica dor que conhecia muito bem. Três anos não haviam sido suficientes para diminuir sua habilidade de sofrer tal angústia. Os dois últimos dias eram provas disso.

Enquanto a irmã continuava a chorar baixinho, ela recordava claramente aquele primeiro momento de perplexidade e incredulidade

que experimentara quando tinha lido a carta da mãe. A princípio, permanecera sentada, ereta, incapaz de respirar, pensar e até mesmo sentir. Um ataque de fúria se seguira, resultando na destruição de dois vasos e uma estátua de porcelana, antes que a srta. Dill a segurasse e a embalasse com os mesmos sussurros consoladores que agora ela usava com Mary. Depois disso, claro, viera o terrível pulsar entorpecido, porém constante de um coração que havia muito ela acreditado ter superado tal tristeza.

Querida, doce e leal Agnes Dill!, pensou Francie, com um sorriso triste. Sabendo que ela não seria capaz de dar aulas na pequena, mas seleta escola para moças, a srta. Dill não só concordara que ela viajasse para Londres, como insistira para que o fizesse. Em uma questão de horas, depois de ter lido a carta da mãe, Francie se encontrava sentada, sozinha, com suas lembranças, no acento acolchoado de uma carruagem, rumando para o sul. Desdobrando o papel que havia amassado em sua fúria, ela lera a carta até que as dolorosas palavras ficassem marcadas a fogo em seu coração.

Claro, escrevera a mãe em sua letra quase ilegível, que irá exultar com nossas novidades. Nossa pequena Mary aceitou a corte do sr. Thomas Spencer! Dessa forma, apesar dos problemas do passado — o que Francie substituiu mentalmente “apesar de sua teimosia” — nós os Hampton, afinal, estaremos ligados aos Spencer de Hallbrook.

Até mesmo agora, envolvendo o corpo trêmulo da irmã, Francie não conseguia acreditar. Como todos podiam ser tão tolos, tão insensíveis para apoiar um acordo de casamento entre a irmã e seu ex-noivo?

Quando Mary parou de chorar, Francie soltou-a com suavidade e caminhou, agitada, para se colocar diante das chamas tremeluzentes e inconstantes da pequena lareira da sala de estar. Estendendo as mãos para captar o calor, embora soubesse que nada iria aquecê-la, questionou em tom amargurado:

— Devo deduzir que o ama?

O pouco de coloração que restara nas faces de Mary desapareceu por completo.

— Oh, Francie, não!

A exclamação involuntária fez os olhos perspicazes se cravarem nos de Mary. A jovem sacudiu a cabeça, negando, e apertou com força a capa já enrugada.

— Então de que se trata? — indagou Francie, impaciente. — Que outra razão teria para concordar em se casar com tal libertino?

— Mamãe... — Ofegou Mary, encolhendo-se diante do inegavelmente colérico olhar da irmã mais velha.

— Oh, claro, mamãe ficaria encantada! Mas até mesmo ela deve ter uma boa razão para desconsiderar o inevitável falatório que começará tão logo essa notícia se espalhe. — A cabeça de Francie estava inclinada em direção ao fogo, ocultando do olhar de Mary os sinais de dor estampados em seu rosto empalidecido.

— Papai. — A irmã retrucou em um sussurro. Mais uma vez, Francie lhe dirigiu um olhar penetrante e, reunindo toda sua coragem Mary respirou fundo antes de prosseguir: — De... depois que você herdou o dinheiro da vovó e rompeu o namoro com Thomas...

— Foi um rompimento consensual — interrompeu Francie por os entre dentes cerrados.

— S-sim. Bem, papai achou que a única maneira de se livrar das dívidas era... era negociar. — Mary continuou, com voz trêmula. — Mamãe me explicou isso tudo, quando Thomas os abordou.

— Abordou-os. — Mais uma vez Francie perscrutou o rosto tímido da irmã. — Ele declarou seu amor por você antes?

— Oh, esse não será um casamento por amor — Mary explicou, ansiosa. — Thomas precisa de uma esposa. Disse a papai que não está mais em seus verdes anos de mocidade...

— Ao menos isso é verdade — Francie aparteou, mordaz. — Está com trinta e dois anos.

— E... ele disse que está na hora de arrumar uma esposa e que... que eu seria apropriada.

— E foi por se sentir lisonjeada que acabou aceitando.

Mary se retraiu diante do sarcasmo da irmã. Uma das mãos trêmulas se ergueu como para se proteger de mais ataques e Francie, imediatamente contrita, cobriu a face com as mãos.

— Desculpe-me, querida! Sei que estou sendo rude. — Ela baixou as mãos e girou em direção ao fogo outra vez. — O que mamãe lhe disse?

— Contou-me que papai nunca... nunca se saiu bem nos negócios e que a proposta de Thomas foi um presente de Deus — Mary respondeu com voz ofegante. — Disse que se você não... quero dizer...

Francie soltou uma risada amarga.

— Não se preocupe. Sei muito bem que mamãe jamais me perdoou por não ter levado aquele casamento adiante. Afinal, libertinos arrogantes e ricos são difíceis de se tornarem maridos nos dias de hoje.

— Oh, Francie, por favor não diga isso! — suplicou a irmã, cobrindo o rosto com as mãos. — Não posso suportar quando a vejo assim. Tão... tão debochada e irritada.

Francie deixou escapar um profundo suspiro. Depois de algum tempo, conseguiu falar com voz neutra.

— Então terá de se casar com Thomas para salvar os Hampton da ruína?

— S-sim.

— Mas você deseja se casar com Thomas? — perguntou, observando a irmã sob os cílios vermelho-dourados.

— S-sim. — Mary respondeu corajosamente, fixando os olhos no colo de seu vestido de cambraia rosa. Porém, o intenso rubor que se espalhou por seu pescoço e faces, desmentiu a afirmação e Francie estreitou o olhar, desconfiada.

— Não seja tola! Não pode esperar encontrar a felicidade com um homem como Spencer! — Mantendo a cabeça baixa, Mary não respondeu. Soltando um suspiro profundo outra vez, Francie pegou o atizador de ferro e remexeu a madeira que queimava na lareira. Quando o fogo voltou à vida, repôs o atizador em seu descanso com um ruído metálico que enfatizou o pesado silêncio na atmosfera. Ela permaneceu parada, observando, mesmerizada, as chamas. — Mary — disse, por fim, sem desviar o olhar do fogo. — Quero que entenda o que está se passando. Foi por isso que viajei de Norfolk até aqui com tanta rapidez. Não sabe como é Spencer.

— Conheço a reputação dele. — Mary respondeu. — E não me importo... de verdade, não me importo! Se ele continuar a ter... amantes ou coisas desse gênero.

— Além da péssima reputação. — Francie replicou com voz áspera. — Há o homem em si. Ele é rude, arrogante, insuportavelmente orgulhoso e cruel. Como pode aceitar um homem desses como marido?

— Talvez devido a meu poder de atração? — sugeriu uma voz grave atrás delas.

Uma voz que Francie se recordava muito bem. As batidas de seu coração aceleraram, enquanto ela girava em um impulso para deparar com os olhos azuis de Thomas Spencer. Olhos que pareciam penetrá-la. Sob as pálpebras pesadas, o olhar intenso percorreu de cima a baixo a figura esguia, fazendo-a ciente do estado desganhado em que se encontrava seu traje de viagem marrom, o desarranjo dos cachos vermelho-escuros, e as olheiras de fadiga sob os olhos verdes. Ele observou com clara diversão o brilho, a princípio entorpecido pelo choque nos olhos de Francie, se inflamar com a raiva incontida.

Conseguindo, no entanto, manter o tom de voz friamente desdenhosa, Francie se dirigiu a ele.

— À sua falta de educação, deveria dizer. Não o ouvi bater à porta, Thomas.

Com passadas seguras e resolutas, ele cruzou a sala para segurar

uma das mãos trêmulas que Mary lhe estendeu. Curvando a estrutura forte para depositar um beijo negligente no dorso, rapidamente a soltou e voltou a apumar a coluna. Dirigiu um sorriso preguiçoso à beldade hostil parada, próximo à lareira com postura rígida e, em seguida, refletiu em tom alto, como para si mesmo.

— Fico imaginando... devo me referir a você como irmã agora?

— Oh, por favor — Mary interveio, apressadamente. — Sinto lhe dizer, Thomas, mas mamãe e papai saíram.

A nuance de súplica na voz da noiva lhe atraiu a atenção e Thomas observou a face empalidecida de Mary, com o sorriso zombeteiro ainda bailando em seus lábios.

— Mas eu não vim visitar seus pais, meu amor.

O tom amoroso atingiu Francie claramente. Sentiu uma apontada de dor e baixou o olhar para descobrir as unhas se enterrando na pele macia de suas mãos. Descerrando os punhos, falou com a voz mais calma que conseguiu conjurar:

— Acho que o senhor não precisa se referir a mim de nenhuma forma. Minha estadia na cidade será breve.

— Ah, sim — ele retrucou, arrastando as palavras que possuíam um tom metálico velado. — A escola em Norfolk. A carreira gratificante que tanto significa para você. Confesso que estou surpreso em ver que consegui se afastar dela mesmo que por apenas um dia.

Cada palavra a açoitava e Francie se descobriu cerrando os punhos outra vez.

— Foi, obviamente, difícil — ela respondeu em tom desanimado. — Mas a srta. Dill estará se incumbindo da escola durante o breve tempo em que eu estiver fora.

— A sempre capaz srta. Dill. — As pálpebras desceram sobre os olhos azuis, mas não sem que Francie pudesse ver o desdém estampado neles. — E continua, presumo, insensível como sempre?

— A srta. Dill não é insensível. — Francie contrapôs com firmeza. — É uma amiga querida e sem ela...

— Sua vida teria sido bem diferente — Thomas completou com voz rude.

— Seu insensato e presunçoso...

— Ainda solteirona, nossa srta. Dill? — ele a interrompeu, demonstrando calmo interesse.

O calor da ira reacendeu os olhos esmeralda de Francie e lhe corou a face. De repente, Mary se ergueu em um pulo. O medo alterando suas maneiras geralmente graciosas.

— Por favor, Thomas, não quer se sentar? Posso lhe providenciar um

chá ou...

— Isso mesmo, Mary — interveio Francie. — Já que acabei de chegar, devo descansar em meu quarto. Estou certa de que você e seu noivo têm muitos assuntos a discutir.

Francie fez menção de se encaminhar à porta, mas Thomas se interpôs suavemente em seu caminho, bloqueando-lhe a passagem com sua implacável presença.

— Talvez, srta. Mary — ele disse, sem dirigir o olhar à noiva —, deva providenciar o chá. Sua irmã certamente necessita do consolo de uma xícara após tão longa jornada.

Hesitando por instantes, Mary dirigiu um olhar suplicante à irmã.

Trincando os dentes, Francie capitulou.

— Sim, Mary, acho mesmo que uma xícara de chá seria revigorante — ela disse, voltando-se mais uma vez para a lareira e fechou os olhos como se pudesse bloquear tudo o que estava acontecendo. Ouviu a porta abrir e fechar e, em seguida, sentiu a proximidade de Thomas, que se posicionou diretamente atrás dela.

— Está feliz, Francie? — A suavidade na voz grave a surpreendeu.

Francie sentiu a boca ressecar e a pulsação disparar. Era como se os últimos três anos não tivessem existido e ela fosse outra vez a querida Francie de outrora, tendo como prova um anel de diamantes em seu dedo. Ela matinha a cabeça baixa e sentiu a respiração de Thomas agitar os cabelos de sua nuca. Ao abrir os olhos, voltou rapidamente ao constatar que não possuía nenhum anel no dedo.

— Claro que sim — ela respondeu com voz controlada. — A escola se tornou conhecida. Temos até mesmo uma lista de alunas aguardando para se matricular no próximo ano — acrescentou com um traço de orgulho.

— Tem se sobrecarregado — comentou ele com voz baixa e acariciante. — Está muito magra e pálida. Tem se exaurido sem necessidade...

— Não é verdade — protestou ela com um discreto tremor na voz. — Agora que a escola está se tornando conhecida, eu... não preciso me esforçar tanto.

O calor da respiração de Thomas contra seu pescoço se intensificou e um arrepio percorreu a espinha de Francie quando ele pressionou os lábios quentes em sua nuca. Ela permitiu que a deliciosa sensação a invadisse por um breve e extasiante momento. E então, o orgulho a resgatou. Girando, Francie ergueu uma das mãos para esbofetear o que esperava ser uma expressão de escárnio no rosto de Thomas.

Contudo, ele facilmente lhe segurou o punho com força inexorável. Por um instante, Francie ficou confusa ao descobrir que não havia nenhum traço do esperado escárnio no rosto austero a centímetros dos

dela.

— Oh, Francie, Francie... — sussurrou ele com voz rouca.

Quando os dedos longos acariciaram suavemente o contorno da face delicada na lateral do nariz empinado e desafiador, ela fechou os olhos. Thomas a puxou para perto, fazendo-a experimentar a solidez do corpo forte que dava a impressão de força contida. Francie sentiu o corpo agir por conta própria ao inclinar a cabeça para trás a fim de corresponder ao beijo. Entreabriu os lábios quando sentiu a respiração de Thomas. E em seguida, se sobressaltou ao ser largada.

Abrindo repentinamente os olhos, deparou-se com os lábios irônicos e os olhos azuis maliciosos. Imóvel como uma pedra, tentando assimilar o significado do que acabara de acontecer ou ao menos tentando lembrar como respirar, ela o encarou. O rosto de traços perfeitos, com a força da determinação em cada linha, as sobrelhas pretas espessas, a massa de cabelos negros ondulados — tudo exatamente como se lembrava. Porém, o erguer cínico dos lábios e o brilho sarcástico nos olhos azuis nada tinham a ver com a expressão terna, apaixonada da qual ela se recordava tão bem. Novo, também, era o tom cáustico na voz de Thomas.

— Parabenizo-a por seu sucesso — disse ele. — Estou certo de que ser instrutora para tantas crianças é bem mais gratificante do que ser mãe de algumas.

Francie ofegou diante de tal audácia. Em seguida, recobrou o controle.

— Ensinar os filhos dos outros é certamente preferível à perspectiva de ser mãe dos *seus*.

A princípio, Francie temeu que ele a agredisse. Thomas ergueu uma das mãos de forma ameaçadora e os olhos azuis se tornaram letais. No entanto, com surpreendente autocontrole, tornou a baixar a mão e sacudiu uma partícula invisível do agasalho verde-garrafa. A contração de alguns músculos do rosto era o único sinal da intensa raiva que sentia, enquanto caminhava para parar em frente à janela em estilo frontão triangular, que dava vista para a rua.

Como se estivesse a uma longa distância, Francie estudou a tensão na postura ereta. Invasa pelo choque e tristeza, repreendeu-se em silêncio por ter correspondido de forma tão ousada ao toque de Thomas. Desejava aquele beijo, ansiava pelo contato dos lábios quentes contra os dela e aquilo a enchia de amarga humilhação. Tinha certeza de que ele tivera a intenção de perturbá-la e amaldiçoava a própria insensatez em deixá-lo atingir seu objetivo com tanta facilidade.

Como pudera, como pudera?, perguntou Francie a si mesma. Como ainda podia formigar com aquelas indefiníveis descargas elétricas na presença daquele homem? Ninguém sabia melhor que ela a capacidade

que Thomas possuía de infligir dor e desilusão. Não devia permitir que aquele homem fizesse Mary sofrer como ela sofrera e ainda sofria.

Quase se encolhendo diante da tangível hostilidade que gravitava na atmosfera da sala, Mary entrou, gaguejando que James logo serviria o chá. Fez várias tentativas desajeitadas de estabelecer uma conversa entre os três, mas logo se calou quando percebeu que nem a irmã nem o noivo pareciam inclinados a dialogar.

Por fim, o chá foi servido e Francie se dirigiu à irmã.

— Quando farão o anúncio do casamento?

— Eu... eu não sei. — A infeliz jovem balbuciou.

— Darei a notícia no dia seguinte a nossa festa de noivado — respondeu Thomas, dirigindo um significativo e furioso olhar a Francie por sobre a borda da xícara.

Ignorando o gesto, Francie focou a atenção na irmã.

— Oh, darão uma festa? Mamãe não mencionou nada na carta.

— Deve ser porque acabei de decidir que haverá uma festa — explicou ele.

— Você acha, querida Mary... — Francie prosseguiu, ignorando-o. — que essa é uma boa ideia? Sabe como os bailes são dispendiosos e papai pode não conseguir arcar com os custos.

— Oh, eu... eu... — Mary começou, atrapalhando-se.

— Eu arcarei com as despesas, minha querida — Thomas afirmou à noiva. — E deve dizer isso a seus pais.

— Mas isso é ultrajante! — exclamou Francie, encarando-o afinal. O sorriso triunfante com que se deparou aumentou a raiva que sentia de si mesma por permitir que ele a provocasse. Imediatamente dirigiu a atenção à irmã. — Mary, talvez seja melhor explicar ao seu noivo o que as pessoas dirão quando souberem que é ele quem está financiando a festa de noivado em vez de nosso pai.

— Ma... mas Francie. — Mary protestou, alternando o olhar entre os dois digladiadores. — Sabe que papai disse que nunca mais daria uma festa depois que você desapareceu no meio da sua!

Claramente satisfeito, Spencer observou os lábios de Francie se moverem sem emitir som. Por fim, intercedeu.

— Isso pode ser resolvido mais tarde. Foi um prazer revê-la, querida irmã. — Thomas pousou a xícara com um ruído, ignorando o olhar furioso de Francie e se ergueu. — Até mais tarde, meu amor — murmurou para Mary e, em seguida, partiu.

Incapaz de se mover, Francie continuou fervendo por dentro durante dois minutos após a porta se fechar. Em seguida, se ergueu em um impulso, tomada de uma fúria vulcânica.

— Como ele se atreve! Como ousa voltar à minha vida, quando eu estava em paz. Você tem de entender que não pode se casar com ele! — acrescentou como reflexão tardia à irmã.

— Eu... acho que devo me casar com ele — Mary retrucou em tom de voz pesaroso. — Não seria apropriado mais uma de nós rejeitá-lo, certo? O que efetivamente pegou Francie de surpresa.